

Proposta de multimétodos para a análise de temas raciais na mídia¹

Céres Santos²
Márcia Guena³
Rayane Teixeira⁴
Roseane Pereira Santos⁵

Resumo

Nesse artigo fazemos uma revisão da metodologia utilizada na segunda etapa da pesquisa Observatório Racial da Mídia Brasileira, que analisa a incidência de matérias sobre a temática racial na mídia hegemônica – G1, UOL e FSP e independente negra – Mundo Negro, Notícia Preta, Mundo Negro e Alma Preta-, e indígena, Amazônia Livre. Para tanto, revisamos os conceitos da teoria do enquadramento (framing), articulada com a Análise Crítica do Discurso (ACD), segundo Teun Van Dijk (2015) e com a ideia de Imagem de Controle, proposta por Patrícia Hill Collins (2019). Além disso, trataremos do uso e limitações de uma ferramenta de raspagem de dados on line, o Buzz Sumo, utilizada através de palavras-chave para a localização das matérias.

Palavras-chaves: racismo, enquadramento, imagem de controle, Análise Crítica do Discurso, Jornalismo

Introdução

O Observatório Racial da Mídia Brasileira é um projeto do grupo de pesquisas Rhecados – Hierarquizações Raciais, Comunicação e Direitos Humanos –, vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e coordenado pelas professoras Céres Santos e Márcia Guena, ambas da UNEB. A intenção do Rhecados é observar como tem sido feita a cobertura jornalística de temas que envolvem o racismo, tanto na mídia hegemônica, como nas alternativas negras e indígena. Essa preocupação tem uma intenção de identificar práticas racistas na mídia e apontar caminhos para a construção de uma mídia plural e antirracista.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Professora Dra. do curso de Jornalismo em Multimeios e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: cmssantos@uneb.br

³ Professora Dra. do curso de Jornalismo em Multimeios Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: mguena@uneb.br

⁴ Estudante do curso de Relações Públicas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), bolsista de Iniciação Científica. E-mail: rayaneteixeira1515@gmail.com

⁵ Estudante do curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), bolsista de Iniciação científica. E-mail: roseflor12395@gmail.com

Nessa perspectiva, estamos há três anos investigando, propondo combinações metodológicas capazes de dar conta dos nossos propósitos, uma vez que os estudos referenciais sobre enquadramento, identificação de fontes, por exemplo, não têm recorte racial, nem para a população negra, nem para a população indígena.

Nos dois primeiros anos a pesquisa foi desenvolvida a partir de uma observação diária de jornais da mídia hegemônica - Folha de São Paulo (FSP), G1 e UOL - das mídias independentes negra - Mundo Negro, Notícia Preta e Alma Preta - e indígena, Amazônia Livre, utilizando palavras-chave como: negro, negra, raça, racismo, preto, preta e indígena. Em 2023 o período investigado foi de fevereiro a julho; e em 2024 de março a julho. Para desenvolvermos a pesquisa realizamos uma revisão do conceito de enquadramento, a partir da leitura de Gregory Bateson (1987), Erving Goffman (1986), Robert Entman (1993) e Danilo Rothberg (2010), adotando como visão central o conceito de Entman (1993):

O enquadramento (framing) envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar (frame) é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e torná-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover a definição de problemas separados, a interpretação causal, a avaliação moral e/ou a recomendação de tratamento para o item descrito.” (...) Quadros, então, *definem problemas* - determina o que um agente causal está fazendo, com quais custos e benefícios, geralmente medidos em termos de valores culturais comuns; *diagnostica causas* - identifica as forças que criam o problema; *fazer julgamentos morais* - avalia agentes causais e seus efeitos; e *sugere remédios* - oferece e justifica tratamentos para os problemas e prevê seus efeitos prováveis. (Entman, 1993,p.52 tradução nossa).

E para operacionalizá-lo adotamos a proposta de tipologias de Rothenberg (2010):

o enquadramento de jogo, ou corrida de cavalos, que enfoca as chances de derrota ou vitória, sem preocupar-se com os contextos; o enquadramento estratégico, que na política corresponde às estratégias calculadas para a vitória; o episódico, que noticia um fato político importante, como políticas públicas, sem falar de seus desdobramentos; esses três, como acentua o autor, pode receber a forma de enquadramento de conflito, quando acentua as disputadas (Guená e Santos, 2024).

Também nos preocupamos com a caracterização das fontes, já que nos interessa cartografar quem está falando nas notícias sobre a temática racial, como são apresentadas/os, quais os gêneros, raças e etnias, com a finalidade de identificar se os veículos estão desafiando o discurso hegemônico da branquitude ou perpetuando. Para isso, utilizamos classificações já existentes, propostas por Nilson Lage (2003), já

discutidos em um trabalho de nossa autoria, Menezes, Freire, Guena e Santos (2023). Porém, incorporando gênero e raça na sua classificação, perspectivas ausente na literatura.

Vencendo esta primeira fase da pesquisa, de caráter classificatório e quantitativo, constatamos que deveríamos incorporar outras metodologias capazes de dar conta da complexidade do tema como a Análise Crítica do Discurso (ACD); o conceito de Imagem de Controle; aliada a uma raspagem de dados mais eficaz, através de um software que nos entregasse o universo dos dados de maneira mais automática e rápida, ainda que saibamos das limitações e dos vieses desses levantamentos. Então, através de financiamento interno da UNEB, adquirimos o BuzzSumo, uma plataforma de pesquisa de conteúdos. Assim, este artigo discute a articulação dessas quatro metodologias/conceitos - ACD, teoria do enquadramento, o conceito de Imagens de Controle e sua aplicação na pesquisa; e a raspagem de dados através do Buzz Sumo. Acreditamos que com os multimétodos poderemos apresentar resultados mais condizentes com a complexidade da questão. Análise Crítica do Discurso aplicada a análise do racismo na mídia.

Aproveitamos para salientar que nossas pesquisas têm uma interface com com o projeto latino-americano de decolonialidade que, segundo Santos (2024):

A decolonialidade é um projeto teórico e político latino-americano que se opõe ao eurocentrismo e ao processo de colonização, com suas práticas de dominação a partir, por exemplo, da hierarquização e exclusões por raça, gênero e classe. E, como diz Maldonado-Torres (2018, p.36), a proposta de decolonialidade não é “a busca por uma outra ordem mundial, é a luta pela criação de um mundo onde muitos mundos possam existir e, onde, portanto, diferentes concepções de tempo, espaço e subjetividade possam coexistir e também se relacionar produtivamente” (Santos, 2024, p. 5 e 6).

Para a análise dos discursos veiculados nas matérias localizadas, lançamos mão dos estudos de Teun Van Dijk (2015) por que em sua base, focaliza nas relações de poder construídas a partir de quem acessa ou não os espaços midiáticos para dar visibilidade às suas narrativas. Para Dijk são as elites políticas que têm acesso privilegiado à mídia e a isso, ele denomina de abuso de poder. E, todo privilégio reforça exclusões, inclusive, pela maior circulação de ideias que reforçam, por exemplo, o racismo. Nesse sentido, para Dijk (2015) o acesso ou não ao discurso midiático aponta para a questão do poder social “poder social é definido em termos de controle por um grupo ou organização (ou seus integrantes) sobre as ações e/ou as mentes de (membros de) um outro grupo, limitando

dessa forma a liberdade de ação dos outros ou influenciando seus conhecimentos, atitudes ou ideologias”, (Dijk, 2015, pg. 88).

Afora isso, a ACD precisa ser compreendida como “um tipo de investigação analítica discursiva que estuda, principalmente, o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político” (Dijk, 2015, pg 113). Nessa perspectiva a ACD pode ser aplicada em vários campos do conhecimento para tratar de problemas sociais e relações de poder discursivas, por exemplo. Ao estudar sobre discurso e racismo, Dijk (2015) destaca o impacto da escrita e da fala, na contemporaneidade, na reprodução do racismo. Assim as elites simbólicas, sinônimo de elites políticas, burocráticas, educacionais, acadêmicas, entre outras, divulgam seus discursos, como os que reproduzem o racismo e para combatê-los é preciso, segundo Dijk (206), conhecê-los.

Em outras palavras, com as muitas estruturas sutis de sentidos, forma ação, o discurso racista geralmente enfatiza as Nossas coisas boas e as coisas más Deles. E desenfatura (atenua, oculta) Nossas coisas más e as coisas boas Deles. Esse quadrado “ideológico” aplica-se não apenas a dominação racista, mas também, em geral à polarização intragrupal-extragrupal em práticas sociais, discursos e pensamentos (Dijk, 2015, pg. 137).

Conhecer as estruturas do discurso racista, identificar suas características, é crucial para entendermos como os discursos transmitem conteúdos e tentativas de controle mental, de construção de representações e estereótipos ‘do outro’.

Teoria do enquadramento (Framming) e a ACD

A revisão sistemática que Nizia Azevedo (2023) realizou sobre o estudo da teoria do enquadramento nos auxilia na aproximação entre a ACD e essa teoria. A autora enfatiza que o enquadramento é um processo discursivo que "envolve tanto uma seleção quanto uma saliência de aspectos da realidade percebida. (...) "enquadrar é estruturar a realidade de maneira a construir sentidos, atribuir relevâncias e orientar interpretações" (2019, p. 30 e 34). Essa estruturação opera por meio de mecanismos como a escolha das fontes, o vocabulário empregado, a disposição das informações e a repetição de determinados temas e imagens. Tais elementos compõem o que a autora chama de “quadros de sentido” que podem reforçar estereótipos ou contribuir para sua desconstrução.

Dialogando com autores com Gamson de Modigliane, Reese e o próprio Entman, Nizia afirma que o framing é uma teoria que estuda os “efeitos de longo prazo do discurso midiático”, tendo como referência matrizes cognitivas e culturais, a partir de pacotes interpretativos, que são conformados através de recursos linguísticos, “como metáforas, frases de efeito, eventos históricos, imagens e representações, que Gamson e Modigliani, 1989, vão chamar de frames *divices* ou dispositivos de enquadramento (Azevedo, 2023, p. 26). Compreende-se, assim, que as estratégias de organização da linguagem visam a busca do aprimoramento do discurso para a transmissão de determinado enquadramento, ancorado em pacotes interpretativos, como enfatiza a autora.

Pretendemos trazer para a pesquisa os conceitos de macro-frame, frame dominante, frames genéricos e contra-frames, utilizados por Azevedo (2023, p.14). A autora define o macro-frame como um “frame universal, do qual derivam frames genéricos”. Poderíamos dar como exemplo a questão racial no Brasil. Ou seja, a partir de um determinado tema, ou problema em curso surgem situações que derivam do macro-frame. No caso do nosso exemplo e objeto de estudo, o racismo, sabemos da sua presença e impacto em vários segmentos institucionais, como no sistema prisional, na educação, na economia etc. E essa presença pode ser detectada nas falas, nos produtos jornalísticos, começando quase sempre por uma negação de sua existência nas rotinas, nas práticas, nas escolhas de pessoas, na redação e disseminação de mensagens etc. Assim, o macro-frame passa pela negação histórica da existência do racismo nas estruturas e também nas atitudes individuais.

Já os frames dominantes significam interpretações genéricas para determinados assuntos, umas mais predominantes que outras em determinados momentos (Azevedo, 2023, p. 16). Representam as ideias hegemônicas na política, na economia e até mesmo na pauta de costumes, a exemplo da temática do aborto, criminalizado por amplos setores da sociedade. Principalmente, pelos que acessam o discurso midiático. São operados a partir das pressões exercidas sobre os meios de comunicação e representam também o alinhamento desses próprios meios, frequentemente, com os segmentos que têm maior acesso a mídia. Por isso, a autora afirma (ibidem) que “esses frames, tendem, por tudo isso, a ganhar mais espaço e adesão, embora não necessariamente se tornem os pontos de vista preferenciais das audiências”.

Já os frames periféricos surgem de interpretações alternativas aos frames dominantes, de diversas ordens, e podem se converter em contra-frames, como acentua Azevedo (2023). Os contra-frames estão relacionados com as audiências “que podem oferecer versões diferentes quando escutados pelos meios de comunicação (Entman, 2009, apud Azevedo, 2023, p. 17). São frames que se opõem aos frames em vigor e que produzem contra-enquadramentos e podem ou não tornar-se frames dominantes. Ou seja, são campos de disputa de sentidos na mídia. Com relação aos temas raciais, por exemplo, a mídia independente negra tem tensionado produzindo vários contra-frames, principalmente na abordagem relacionada a temas da segurança, trazendo a denúncia do genocídio da juventude negra e da política desastrosa de segurança pública por parte do Estado brasileiro.

Nesse caso, podemos considerar como contra-frame o discurso antirracista no Brasil, que segundo Dijk (2021) ele pressupõe o racismo e, portanto, sua estrutura é de oposição ao racismo, e é uma barreira, uma resistência ao racismo.

Se o antirracismo pressupõe o racismo, primeiro precisamos ceitar que a escravidão, como pratica no brasil, foivuma forma de racismo, mesmoquando as noções de “raça” e “racismo” ainda não existiam, porque era uma forma específica dedominação baseada em raça: de populações negras por populações brancas. Contrariando a história oficial, em sua análise de colonialismo espanhol, Quijano (2003) conclui que a noção de “raça” já definia as relações hierárquicas entre colonizadores e indígenas desde o século XVI (DIJK, 2021, p. 11)

Afora essa questão é importante salientar que a análise dos frames não se limita a identificação dos eventos noticiados, mas observa a forma como uma determinada notícia possa vir a ser interpretada. Assim, “há uma seletividade nos processos de produção e exposição aos frames” (Azevedo, 2023, pg 27). E é nesse processo que são evidenciadas as relações de poder, destacadas pela ACD. No caso das coberturas midiáticas sobre questões raciais, a teoria do enquadramento permite identificar como certos discursos hegemônicos ocultam a estrutura social do racismo ao individualizar os casos ou tratá-los como exceções. Como destaca Azevedo, “os enquadramentos não são neutros, mas sim resultado de disputas simbólicas que refletem e reproduzem relações de poder” (Azevedo, 2023, p. 37). Assim, analisar os frames utilizados nas matérias jornalísticas é também uma forma de investigar como o racismo é naturalizado ou questionado nos discursos públicos.

Assim, percebemos que as duas metodologias se complementam. A teoria do enquadramento busca compreender como os sentidos são construídos e compartilhados, através de quadros interpretativos, que remetem à cultura e ao poder. A ACD analisa os discursos através de seus vínculos ideológicos, com o poder e também com a cultura, por caminhos distintos, mas complementares ao enquadramento, articulações também apontadas por Azevedo (2023, p. 71).

Além disso, Azevedo (2023, p. 75) chama a atenção para a amplitude da aplicabilidade dos objetos comunicacionais a serem analisadas pelo *framing*, extrapolando os textos comunicacionais e permitindo análise de imagens ou de redes sociais. Deste modo abre, também, a possibilidade de diálogo com o conceito de Imagem de Controle, de Patrícia Hill Collins (2019), que em síntese são:

como uma representação específica de gênero para pessoas negras que se articula a partir de padrões estabelecidos no interior da cultura ocidental branca eurocêntrica. As imagens de controle se diferenciam das noções de representação e estereótipo a partir da forma com que as mesmas são manipuladas dentro dos sistemas de poder articulados por raça, classe, gênero e sexualidade (Bueno W, 2019, p. 1).

Segundo (Bueno, 2019) as Imagens de Controle pensadas por Collins são articuladas a partir de exemplos pontuais que possibilitam a articulação de imagens de controle alicerçadas em dimensões ideológicas, nesse caso, as do racismo e do sexismo, manipuladas historicamente com o propósito de controlar o comportamento e os corpos de mulheres negras, impedindo a visibilidade de seus processos de subjetivação, suas autonomias e o seu exercício da cidadania. Collins apresenta, como exemplo, quatro imagens de controle:

a mula, a jezebel, a *mammy* e a *black lady*. A mula é a mulher que trabalha como um animal , compulsoriamente e sem reclamar. A jezebel é uma mulher hipersexualizada lida enquanto uma máquina sexual, a *mammy* é a empregada doméstica leal aos seus empregadores que dedica sua vida ao emprego e a fornecer cuidado e conforto para os brancos, a *black lady* é a mulher negra que abandona a perspectiva de construção de uma família negra em prol de uma carreira em altos cargos (Bueno, 2029, p. 3).

Ao associar as Imagens de Controle propostas por Collins (2019) aos quadros (frames) estagnados no tempo, concepções ou imagens congeladas sobre as mulheres negras, que foi o foco do estudo de Collins, produzindo imagens de controle, físicas ou mentais, sobre como as mulheres são: sexualizadas, submissas, disponíveis, ignorantes etc. A partir disso

Collins elabora uma tipologia que se manteve inalaterada por muito tempo, mas vem sendo confrontada pelos movimentos feministas negros.

De posse dessas ferramentas analíticas, olharemos para os dados coletados através do Buzz Sumo, que trata-se de uma plataforma de inteligência artificial que realiza monitoramento digital, mais voltada para a área de marketing, pois permite o gerenciamento dos conteúdos mais compartilhados e comentados pela redes sociais, blogs e sites de notícias. Trata-se de uma ferramenta adequada para pesquisas de análise de conteúdo na web e redes sociais pois permite descobrir os conteúdos mais populares, os mais compartilhados, monitora concorrentes e identifica tendências, auxiliando, assim, na criação de estratégias de marketing mais eficazes. Porém, não oferece dados colhidos no Instagram e é preciso recorrer a estratégias de busca pois alguns sites de notícias o BuzzSumo não tem acesso.

Por outro lado, realiza busca de conteúdos em veículos de mídia, a partir de endereços específicos ou palavras-chave, que é o nosso caso. Porém, autores como Azevedo (2023) e Silva (2022) alertam para os vieses dessas ferramentas e suas limitações de busca. Acreditamos que a ACD pode trazer bastante lucidez a essas análises, através da abordagem histórica e focada nas discussões sobre poder e hegemonia.

Considerações Finais

A constatação da ausência de uma metodologia, capaz de contribuir nas pesquisas de temas como gênero e raça, em produtos midiáticos, criou uma necessidade nas pesquisas desenvolvidas pelo Grupo Rhecados. Nesse sentido, tornou-se imperativo a construção de uma metodologia, no caso, formada por multimétodos, que tivessem alguma aderência com a proposta de decolonialidade já que nossos estudos tem um caráter de identificação e enfrentamento do racismo na mídia em uma perspectiva de visibilidade das narrativas silenciadas por esse conteúdo estrutural típica do projeto de colonialidade.

Nesse percurso chegamos a essa proposta: reunimos a teoria do *framing*, com Análise Crítica do Discurso, Imagem de Controle, para identificar, por exemplo, não só quem acessa discurso midiático como fonte - identificando essas vozes por gênero e raça - mas, também, verificar sobre os temas que falam, e os conteúdos discursivos do que falam. Assim como identificar as narrativas destacadas nas mídias hegemônicas, negra e

indígena, permitindo estudos comparativos das informações e análises apuradas. A partir dessa associação, recorreremos ao uso da ferramenta BuzzSumo que, apesar de algumas barreiras, como ter um prazo de até um ano para buscas anteriores à data da pesquisa, nos permite uma raspagem substancial de dados.

Nossa caminhada não se encerra nesta proposição. Pelo contrário. Estamos vivendo um período de experimentação e criação, o que vai nos permitir mensurar a eficiência da proposta, fazer novos ajustes, recorrendo ao que falou Foucault (1979, p. 67) sobre a imagem das caixas de ferramentas, que precisa ter utilidade. “Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas”. É exatamente isso que estamos fazendo, propondo e usando uma metodologia que contemple as implicações do racismo na mídia.

Referências

- AZEVEDO, Nísia Alejandra Rizzo de. **Framing, a teoria do enquadramento: conceitos e aplicações**. Vitória da Conquista, BA: Eduneb, 2023.
- BUENO, W A. **Lacradora**: Como imagens de controle interferem na presença de mulheres negras na esfera pública. Medium, 2019. Disponível em <https://medium.com/neworder/a-lacradora-como-imagens-de-controle-interferem-na-presen%C3%A7a-de-mulheres-negras-na-esfera-p%C3%BAblica-cb26f5edbb59>
- BUZZ SUMO. Disponível em: <https://buzzsumo.com/>. Acesso em 15 jun. 2025
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo:Boitempo Editorial, 2019.
- DIJK, Teun A. Van. **Discurso antirracista no Brasil**. Da Abolição às ações Afirmativas. Editora Contexto. 2021.
- _____. **Discurso e poder**. Editora Contexto.2008.
- ENTMAN, Rorbert. **Framing Toward clarification of a Fractured Paradigm**. Journal of Communication, Autumn, 1993; 43,4. p.51-58
- GOFFMAN, Erving. **Frame analysis**. Reprint, Originally published: New York: Harper & Row, 1986.
- MENEZES, Ana Beatriz; GUENA; Márcia; SANTOS. Céres. Observatório racial da mídia hegemônica brasileira. 2023
- ROTHBERG, Danilo. O Conceito de Enquadramento e sua contribuição à Crítica De Mídia; In: CHRISTOFOLETTI, Rogério. Vitrine E Vidraça: Crítica De Mídia e Qualidade No Jornalismo. Covilhã, UBI: Livros LabCom, 2010 (p. 53-66).
- SANTOS, Céres. **Pedagogia das Encruzilhadas, Pesquisa Ativista e Pedagogia da Desobediência**:Metodologias e Epistemologias Afrodiaspóricas e Contra-coloniais na Comunicação caminhos libertadores para outro fazer educacional. Revista ConSertões, v. 15 n.

01 (2024). Disponível em:
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/comsertoes/article/view/20999>. Acesso em: 22 jun 2025.

SILVA, Tarcízio. *Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais*. São Paulo: Edições Sesc, 2022.